

**O HERÓI MERGULHA NO ESPELHO ANTROPOMÓRFICO:
UM MOÇO MUITO BRANCO, DE GUIMARÃES ROSA,
E LOUIS LAMBERT, DE BALZAC**

Marcela Tagliaferri Avila
marcelatagliaferri@gmail.com

O mais profundo é a pele.
(Paul Valéry)

Faço uma proposta: resgatemos o conceito de herói das raízes na mitologia grega (BRANDÃO, 1987), como aquele que carrega uma missão com o objetivo maior de viver em função de sua causa. “Podendo estar em um mundo entre os deuses e os humanos, ou seja, figuras intermediárias entre o mundo da consciência e o inconsciente, quando nos deparamos com os anjos”, nossos heróis antropomórficos, a serem discutidos no presente estudo. Seres situados entre os deuses e os humanos. Seres que buscam no antropomorfismo realizar o desejo do duplo da vida além da morte – a imortalidade. Anjos a terem seu emblema demarcado pelo corpo simbólico (LACAN, 1998) na pele exposta nas narrativas de Guimarães Rosa, *Um Moço Muito Branco* (2005) e de Balzac, *Luís Lambert* (1955). Heróis que existem em suas singularidades quando se manifestam como seres antropomórficos, se constituindo no eu especular do corpo humano, no eu duplicado do homem mortal que procura evitar a destruição definitiva com a morte, se tornando imortal. É a partir do narcisismo ameaçado pela morte do eu, que o nosso herói antropomórfico imortaliza o homem no duplo da vida além pela imagem refletida no outro: o duplo da vida frente à morte. Segundo Otto Rank (1976):

El pensamiento de la muerte resulta soportable cuando uno se asegura una segunda vida después de ésta, como doble. Como en la amenaza al narcisismo por el amor sexual, así también, en la amenaza de la muerte, la idea de la muerte (em sus orígenes desviada por el doble) se repite em esta figura que, según la superstición general, anuncia la muerte, o cuyo daño perjudica al individuo. (p. 132)

Há um enamoramento narcisista da própria imagem. O eu do anjo antropomórfico é dado pelo outro através do espelho. A diferença do herói anjo em *Um Moço Muito Branco*, de Guimarães Rosa, e na vidência como forma de revelação em *Luís Lambert*, de Balzac, ocorre na busca pelo eu ideal. O eu que deseja a perfeição narcisista da infância, a perfeição do ego ideal. Esse ideal nada mais é do que um substituto do narcis-

sismo perdido que em sua infância se constituiu como o seu próprio ideal. (FREUD, 1914). O espelho a ser perseguido no decorrer da vida. Em Guimarães Rosa, temos um anjo que existe à imagem e semelhança dos mortais, apareceu após um terremoto e realiza transformações no lugar onde passa a viver, na comarca do Serro Frio, em Minas Gerais. Situa-se entre o mundo dos deuses e os humanos. Já no texto de Balzac é um homem que persegue a purificação, transformar-se em anjo. Quando projeta o seu eu ideal. A perfeição é encontrada pelo céu da divindade. Separar a luz das trevas, ato inaugurado por Deus, no *Gênesis* (apud MAFFESOLI, 2004). O desejo é eliminar o trágico da vida humana – a morte. Todos dois são a representação do duplo da vida pelo desejo da eternidade pela destruição do mal, transvestido pelas imagens da violência, destruição, sofrimento – o mundo das trevas, ausente de luz. Querem existir para além de uma vida terrena de sofrimento e destruição, o mundo das sombras. Pretendem serem eternos e eliminar qualquer ausência de luz. E, por sua vez, eternizados por seus criadores: Guimarães Rosa e Balzac.

Luís Lambert sabe que conhecer é ver e a sua maior revelação vem pela certeza de que os anjos são brancos. Como herói desejante em viver a sua causa, persegue o caminho que o eleve, que o purifique do mundo exterior, pois é pelo ser interior do indivíduo que poderá conquistar a existência exterior. A alma triunfa sobre a matéria e deseja ser libertada para poder viver a verdade da vida. Contudo, quando o herói encontra a figura angélica no amor de Mademoiselle Pauline de Villenoix, ele adocece e o casamento não se concretiza por sua loucura diagnosticada. Todavia no embate com a destruição do mundo exterior, o herói vence a morte pela vitória do mundo interior, da exaltação do pensamento sobre a ação. Segundo Henri Miller (1986):

Todo o desejo de Louis está fixo no além – obstinadamente fixo, poder-se-ia quase dizer. Talvez por ser o desejo de Louis de comungar com os anjos inflexível e constante, ele acarreta um desenlace que está perfeitamente de acordo com a lei da consequência: Louis permanece imóvel e suas asas são queimadas na luz ofuscante que o inunda. (p. 180)

Como no mito, Narciso se apaixona pela própria imagem, os anjos antropomórficos ganham forma pelo desejo de assegurar a existência da vida eterna: guardiães da infinitude. Os heróis acenam com a possibilidade da eternidade como uma defesa contra a terrível destruição – a morte, e existem como outro à imagem e semelhança do homem, quando nos deparamos com o estádio de espelho de Lacan (1998). Mergulhemos como se fôssemos o próprio Narciso e entremos no espelho que nos torna humanos em nossos próprios corpos. Ao falar em corpo, Lacan não se re-

fere ao corpo biológico. O corpo sobre o qual se debruça em seus estudos teóricos é o corpo demarcado pelo significante, onde há a morada da libido, do corpo erógeno e singular. É através da linguagem que o corpo se comunica pela determinação de seus significantes, chamado de corpo falante. Para Nasio (1993):

Que é um corpo falante? “Corpo falante” significa que o corpo que interessa à psicanálise não é um corpo de carne e osso, mas um corpo tomado como um conjunto de elementos significantes. O corpo falante pode ser, por exemplo, um rosto, na medida em que um rosto se compõe de linhas, expressões e traços diferenciados e ligados entre si. Pois bem, sejam claros: o adjetivo “falante” não indica que o corpo fale conosco, mas que ele é significante, ou seja, que comporta significantes que falam entre si. Um rosto, em toda sua complexidade de elementos distintos, é algo diferente de uma expressão sugestiva. Quando um rosto suscita um sentimento, ele é um corpo-imagem; mas quando o mesmo rosto desperta um dizer imprevisto, ele é um corpo-significante. (...) Assim, o corpo significante não é o corpo evocador que me fala, mas o que está investido do poder de determinar, sem meu conhecimento, um ato de análise. (p. 149-150)

Ao problematizar a questão do corpo falante, Lacan parte do conceito de narcisismo em Freud (1914), cria o conceito do estádio de espelho, ou seja, o eu se constitui a partir do outro, se vê no espelho através da imagem que lhe é devolvida pelo semelhante. Quando o sujeito vai sendo estruturado em seu corpo simbólico significante, em sua linguagem singular, e passa a ter a existência no corpo real, no gozo. Nossos anjos antropomórficos passam a existir enquanto corpo imagem ao se espelharem no outro-homem mortal, sendo o reflexo do corpo como imagem. Ao estruturar o eu a partir da relação entre corpo imagem, corpo simbólico e corpo real, podemos analisar o corpo lacaniano sob três perspectivas: o corpo imagem, estádio do espelho, o corpo simbólico, marcado pelo significante quando a linguagem lhe restitui a função de sujeito, e o corpo real, lugar do gozo. No estádio do espelho o homem vivencia a experiência, pela primeira vez, ao se vê, se refletir e se conceber como outro diferente dele mesmo. Segundo Lacan (1998):

Basta compreender o estádio do espelho *como uma identificação*, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*. (p. 97)

Quando o sujeito passa a se ver separado do desejo da mãe, pois até então só se reconhece pelo espelho dado no outro-mãe, então não sente o desejo como seu, ele é projetado e alienado no outro. Só existe a partir do outro. A criança é o desejo da mãe. É um desejo alienado no desejo

do outro. Lacan busca a saída para essa alienação com o conceito de corpo simbólico, quando o sujeito passa a existir, sujeito que possui o seu próprio desejo, separado do desejo da mãe. Deixemos claro que nenhum momento é estanco nem existe sem a subordinação à ordem do simbólico. Ele existe fora do sujeito, pois está presente na fala, nos discursos, no meio social, é do território da linguagem, do campo cultural.

O estudo de Lacan sobre o corpo nos interessa para refletir sobre o corpo dos anjos em seu antropomorfismo pela relação no duplo com a existência do homem terreno, portanto finito, que se encontra permanentemente confrontado com a presença persecutória da morte, e busca a autoperpetuação no duplo da vida – a eternidade. Quando nos colocamos frente ao corpo simbólico de um homem que existe através da pele exposta em sua brancura excessiva pela luz irradiada. Em *Um Moço Muito Branco*, de Rosa (2005), o narrador nos diz:

(...) era moço de distintas formas, mas em lástima de condições, sem o restante de trapos com que se compor, pelo que enrolado em pano, espécie de manta de cobrir cavalos, (...) e, assim em acanho, foi ele avistado, de muito manhã, aparecendo e se escondendo por detrás do cercado das vacas. Tão branco; mas não branquicelo, senão que de um branco leve, semidourado de luz: figurando ter por dentro da pele uma segunda claridade. (p. 140)

É um moço de formas humanas, que se apresenta como um homem em distintas formas apesar das péssimas condições em que aparece após o “fenômeno luminoso [que] se projetou no espaço, seguido de estrondos, e a terra se abalou, num terremoto que sacudiu os altos, quebrou e entulhou casas, remexeu vales, matou gente sem conta.” (p. 139) É um moço que não pertence ao lugar, e, portanto, é considerado pelos habitantes como estrangeiro: “Sobremodo se assemelhava a esses estrangeiros que a gente não depara nem nunca viu; fazia para si outra raça.” (p. 140) Um estrangeiro no mundo dos mortais. De seres humanos que possuem seus lugares definidos, pertencentes ao mundo cotidiano, com suas funções, sabem de onde vêm, com sua origem demarcada e possuem o destino certo por serem finitos. Destino a não ser escapado por nenhum deles, exceto pelo moço de distintas formas. O anjo de Guimarães Rosa desce, vive como homem apesar de parecer não ser “filho de nenhum homem”, de ter “perdida a completa memória de si, sua pessoa, além do uso da fala” (p. 140), “de olhar ele sempre para cima, o mesmo para o dia que para a noite – espiador de estrelas” (p. 143). Após realizar a sua missão, enquanto herói, parte “com a primeira luz do sol, o moço se fora, tidas asas.” (p. 144) Rompe com o tempo linear do vilarejo de forma a trazer mudanças na história, traz a luz. Persegue a sua causa na tentativa de

trazer alegria, fortuna e paz sem distinção. Como no caso da moça Vivia-na, que vivia grudada na tristeza, não era de sentir alegria, filha de Duarte Dias. Ela era diferente não se divertia como as outras moças. Quando o moço de formas distintas chegou junto dela, e “lhe pôs a palma da mão no seio, delicadamente.” (p. 143), há o despertar da alegria como se fosse um dom e a seguiria até o fim de sua vida. O anjo de Guimarães Rosa traz a luz para todos, indistintamente. É o seu corpo simbólico que fala.

Em *Luís Lambert* (1955), a pele do herói é muito branca, e após desenvolver o estudo sobre o *Tratado sobre a Vontade*, conclui que os anjos são brancos:

Dois meses depois da sua entrada no colégio, quando a estada na classe lhe fez perder a cor sadia, vimo-lo tornar-se pálido e branco como uma mulher. (...) Quando nadávamos no Loir, distinguia-se pela alvura da pele, que se destacava entre os diferentes tons de carne dos nossos camaradas, estriados pelo frio ou arroxeados pela água. Delicado de formas, gracioso de gestos, de suave colorido de pele, não ficando arrepiado fora da água, (...). Comia muito pouco, bebia somente água. (...) Seu rosto era de uma brancura perfeita. (...) de súbito, Luís cessou de esfregar as pernas uma contra a outra e disse com voz lenta: – *Os anjos são brancos*. (p. 26, 55, 92 e 93)

A brancura da pele é tão forte no protagonista e acentua-se ao se recolher em sua suposta loucura vivendo na total escuridão. E cada vez mais ausente da luz do dia, se torna mais embranquecido, sem luz nos olhos que parecem de um cego. Segundo Henri Miller (1986): “Em *Louis Lambert*, Balzac descreve a gênese de uma mariposa gigante condenada a perecer num lampejo de luz.” Ele necessita viver fechado, trancado, distante do mundo exterior pela visão da brancura dos anjos – o eu ideal que persegue. O excesso de luz o cega ao mundo exterior, e quanto mais ele procura o recolhimento, o afastamento do mundo exterior, mais a sua pele vai se tornando excessivamente branca da mesma forma que a pele dos anjos, o espelho refletido. Luís Lambert vive pela purificação, ausente das necessidades do homem comum. Eis o corpo simbólico do anjo antropomórfico constituído em sujeito, em sua singularidade.

A pele muito branca é o corpo falante carregado de elementos significantes, com sua própria linguagem, onde surge a existência do outro, em sua constituição enquanto sujeito singular. E é a partir dos significantes que falam entre si que o inconsciente se escreve e pode ser decifrado. O corpo falante da pele do anjo antropomórfico é um corpo simbólico. É o corpo que somatiza. É o corpo da cena analítica. O corpo que nos interessa na mirada analítica dos textos literários: cada anjo antropomórfico apresenta-se com singularidades em seus corpos simbólicos

tanto em *O moço muito branco*, de Guimarães Rosa quanto *Luís Lambert*, de Balzac.

O estudo tratou dos corpos simbólicos dos heróis em Guimarães Rosa e Balzac, *Um Moço Muito Branco* e *Luís Lambert*, respectivamente. Que corpo é este? Corpo coberto por uma pele muito branca, a pele que deseja ser infinita através da luz. O herói antropomórfico que tem como causa retirar os homens do mundo das sombras. Contudo, o duplo da vida só existe pela presença conflitante da imperfeição humana. Para se atingir o mundo do eu ideal – eterno, de paz, sem destruição e sofrimento, a imperfeição tem que ser enfrentada como elemento estruturante da vida finita. Não temos como escapar do espelho, o eu só se constitui através do outro. A luz só toma a pele como corpo pela existência das trevas, do mal que deve ser combatido. Como o jogo de espelhos que nos torna vivos ao vermos nossa imagem refletida e o que do outro nos interessa, para podermos nos esquecer nele: o anjo perfeito que decai em *Um Moço Muito Branco* e *Luís Lambert* que deseja ser anjo e vê o paraíso pelo pensamento e muda de pele. Os anjos de pele branca, heróis antropomórficos, só podem existir se tiverem com quem combater. São heróis em busca de suas causas. Não há como negar a morte, o sofrimento da perda e separação na constituição do eu. Os anjos veem na imortalidade o mundo ao qual desejam pertencer. A morte precisa ser superada. Seguindo os passos de Maffesoli (2004), o mal é necessário, precisa ser integrado para que se atinja o equilíbrio. Faz parte como elemento estruturante. Só assim a pele pode existir em sentido mais profundo, como nos diz Paul Valéry. Pele determinada pelo corpo simbólico dos heróis antropomórficos que pretendem como causa realizar “a síntese, a perfeição, mas repousando na tensão, jamais terminada, que faz da imperfeição, da parte sombria, um elemento essencial de toda vida individual e coletiva.” (*Ibid*, p. 40) Portanto, bem e mal, finito e infinito, vida terrena e imortal existem em sentido. E é para lá que seguem nossos heróis antropomórficos, perseguindo sua causa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALZAC, Honoré. *A comédia humana*. Estudos filosóficos. Vol. XVII. Trad. de Berenice Xavier. Porto Alegre: Globo, 1955.
- BRANDÃO, Junito. *Mitologia grega II*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

CHIARA, Ana Cristina. *Pedro Nava, um homem no limiar*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

FREUD, Sigmund. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. *O estranho*. 1919. V. 17.

_____. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. 1914. V. 14.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. O hino, a brisa e a tempestade: dos anjos em Walter Benjamin. In: *O Percevejo*. Revista de teatro, crítica e estética. Departamento de Teatro/ Programa de Pós-graduação em Teatro. Rio de Janeiro: UNI-RIO, n. 6, ano 6, 1998.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MILLER, Henry. Balzac e seu duplo. In: *A sabedoria do coração*. Trad. Lya Wyler. Porto Alegre: L&PM, 1986.

NASIO, J.-D. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

MORAES, Eliane Robert. *O corpo impossível: a decomposição da figura humana – de Lautréamont a Bataille*. São Paulo: Iluminuras, 2010.

RANK, Otto. *El doble*. Buenos Aires: Órion, 1976.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

CUKIERT, Michele e PRISZKULNIK, Leia. Considerações sobre o eu e o corpo em Lacan. *Estudos de Psicologia*, vol. 7, nº 1, p. 143-148, 2002. <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n1/10961.pdf>.

LOPES, Ana Maria Costa S. *Sobre o duplo especular: interferências do imaginário nos primórdios da elaboração lacaniana da paranóia*. http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Ana_Maria_Lopes_Sobre_o_duplo_especular.pdf.